

## TRANSPOSIÇÕES SINGULARES<sup>1</sup>

Mestre Fabrizio Claussen (UERJ)<sup>2</sup>

### TRADUÇÃO, INTERMÍDIA E TRANSMEDIALIDADES: poesia, música, cena e audiovisual

O presente artigo tem como base meu relato de experiência ao construir o produto artístico audiovisual **18 Quadros Poéticos Musicais**.

Ao longo da minha trajetória como cantor lírico profissional sempre tive o desejo de dar maior destaque, na música de câmara, aos textos poéticos das canções que tinha oportunidade de interpretar. Em 2010, havia experimentado inserir poesias e textos literários junto ao repertório de um concerto que realizei na Sala Funarte Sidney Miller com o *Sirius Duo*, duo de música de câmara criado em 2009 por mim e pela pianista Viviane Sobral. Através dele, surge o espetáculo *Impressões Franco-Brasileiras – Música e Linguagem*, que faz parte do repertório do duo, no qual interpreto canções francesas e brasileiras entremeadas por poemas e trechos de obras literárias de autores franceses e brasileiros. Tendo como proposta criar um paralelo entre música e poesia por meio dos textos selecionados, foi por intermédio desse recital que surgiu a ideia para minha pesquisa de mestrado.

Ao escolher o ciclo de dezesseis canções *Dichterliebe Op. 48* (Amor do Poeta) de Robert Schumann, com poesias de Heinrich Heine, como obra estudada no Mestrado Profissional em Música (PROMUS), tive como finalidade criar uma linguagem

---

<sup>1</sup> Este artigo é oriundo da pesquisa realizada para o programa de pós-graduação PROMUS, mestrado profissional em música da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>2</sup> Doutorando em História da Arte pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Mestre em Música pelo programa de Pós-Graduação Profissional em Música PROMUS da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em piano também pela Escola de Música da UFRJ. Sua pesquisa de doutorado aborda expressões artísticas sobre Cristóvão Colombo a partir de obras musicais de Wilhelm Friedrich Ernst Bach e Antônio Carlos Gomes. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6440703390119159>. Teresópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

diferenciada para uma das composições musicais mais emblemáticas do romantismo alemão. Revelar a essência do *Amor do Poeta* criando um enredo através da interpretação cênica dos poemas de Heine, traduzidos para o português, conectados à interpretação das canções de Schumann era a minha intenção. Foi assim que cheguei ao produto artístico *18 Quadros Poéticos Musicais*, sendo o seu registro audiovisual o objetivo principal da minha pesquisa.

A situação anormal a qual fomos acometidos desde o ano de 2020 e que afetou o mundo de maneira geral, a pandemia de COVID-19, fez com que eu modificasse minha maneira de trabalhar a elaboração do meu produto artístico audiovisual. Para o início de 2020 havia agendado, no *Salão Leopoldo Miguez* da Escola de Música da UFRJ (EMUFRJ), um recital de mestrado em que eu cantaria outra vez o *Dichterliebe* me preparando para a gravação do ciclo. Concomitantemente aos ensaios musicais, também buscava oportunidades onde pudesse experimentar a interpretação dos poemas selecionados para o produto audiovisual. A primeira teria sido no próprio recital programado. Nada disso foi possível.

A complexidade em filmar 18 poemas, 16 canções e editá-los me preocupava. Passei a morar fora da cidade do Rio de Janeiro, o que de certa forma, me ajudou, pois a escolha da maior parte das locações para a filmagem dos poemas acabou se dando em pontos turísticos da cidade de Teresópolis, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. A filmagem das canções estava marcada para acontecer no *Salão Leopoldo Miguez* da EMUFRJ, em janeiro deste ano. Mesmo frente às dificuldades apresentadas pelas circunstâncias da vida cotidiana, o projeto de mestrado avançava e o início das gravações se aproximava. A cada dia me empenhava mais preparando com rigor o material a ser gravado.

Após o material gravado, a primeira conduta tomada no elaborado processo de filmagem da interpretação dos poemas, foi a escolha das locações para as gravações. Uma vez escolhidas as locações passei a pensar em cada cena conectando-as mentalmente às canções de Schumann. Dessa maneira, cheguei às primeiras escolhas interpretativas para cada poema. Digo primeiras pois, ao chegar às locações, muitas delas foram adaptadas ao cenário encontrado. Quando estamos em um set de filmagem

muitas ideias vão surgindo aguçando nossa criatividade e acabam por enriquecer nosso trabalho, como na célebre frase do cineasta Glauber Rocha, “uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”

Meu objetivo ao filmar a interpretação de cada poema foi transmitir as emoções presentes no universo pessoal do personagem da história, o poeta. A cada filmagem o resultado parecia surpreendedor. Não imaginava que as locações me ajudariam tanto a construir as cenas e o perfil do personagem que estava interpretando.

Após todas as imagens captadas, me restaria ainda a montagem e edição dos *18 Quadros Poéticos Musicais*<sup>3</sup>.

### **TRADUÇÕES E VERSÕES: transversalidades poéticas**

Traduzir, decifrar, reescrever e reinterpretar são também formas do pensar humano. Desde nosso início primordial nessa existência, aprendemos a linguagem de origem maternal. Ao nascermos, passamos a nos expressar e nos conectar com o mundo não somente através do que vemos, mas também transmitindo o que ouvimos.

Escrever a respeito de traduções e versões, tema amplo e complexo, torna-se uma tarefa ainda mais arrojada para mim, que tenho dedicando meus estudos como artista pesquisador prioritariamente ao canto lírico. Como minha pesquisa e seu produto artístico final incluem a interpretação de versões e traduções em português de poesia alemã me deparei com a necessidade de direcionar um olhar mais aprofundado sobre esse tema.

O estudo sobre traduções e versões tem como objetivo revelar a difícil tarefa de encontrar na língua para qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado. Transmitir a mensagem contida em textos traduzidos (língua de chegada) a partir dos originais (língua de saída ou língua original) é o tema desse capítulo.

Segundo Ricardo Nunes Sequeira:

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://youtu.be/uXSi05NpcWE>. Acesso em 23 de maio de 2022.

Tradução é uma profissão cuja origem se confunde com a própria humanidade, que é de natureza progressista, que contribui para a renovação cultural, intelectual e econômica dos países (...) que a nível acadêmico em conjunção com outras disciplinas, como a linguística operacional, é das áreas de investigação mais avançadas e que finalmente, é testemunho de um dos patrimônios imateriais da humanidade mais extraordinariamente ricos: a diversidade linguística (SEQUEIRA, 2014, p. 5)

A origem da profissão de tradutor se confunde com a da própria humanidade (SEQUEIRA, 2014). Na tradução medieval por exemplo, adaptações, releituras, alterações e até mesmo omissões eram muito comuns. Na França dos séculos XVII e XVIII, versões adaptadas de textos, chamadas de *Les belles infidèles* (As belas Infiéis), eram tidas como normas de tradução literária. No romantismo, a tradução ultrapassava a conexão com a linguagem e a literatura para ser analisada na ordem do pensamento.

O mundo globalizado em que vivemos levou à explosão de demandas por esse ofício, o do tradutor. O atual mercado de trabalho mundial, centrado na internacionalização, fez com que a relação entre diferentes sociedades tenha reconhecido a tradução como parte integrante do processo de globalização, um gatilho para lidar com as diferentes linguagens existentes nas relações comerciais do mundo contemporâneo. Nesse sentido, o grande volume de projetos de tradução na economia digital, fez com que equipes de tradutores fossem montadas em grandes empresas. Organizações corporativas criaram para esses profissionais contratos de tradução para os quais deveriam se comprometer a produzir versões exatas dos produtos originais, sem alterações, omissões ou adições, traduções fiéis ao texto original.

Em contrapartida, na área da informática, conforme os sistemas de *software* se tornavam cada vez mais flexíveis, as empresas os reescreviam para cada língua ou país, levando em conta as preferências, os gostos e as culturas locais, ou seja, o tradutor se tornava reescritor do material original. No mundo contemporâneo dos negócios, percebemos que a tradução pode assumir duas possibilidades distintas: a literal, subserviente ao texto de partida e a criativa ou dinâmica, adaptada a certas circunstâncias, em que o texto é reescrito mantendo suas características originais. Esses

dois aspectos da tradução foram amplamente discutidos, debatidos, analisados por escritores, poetas e teóricos.

O poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos<sup>4</sup>, reelabora o termo tradução, criando palavras novas provindas da mesma fonte: transcrição, reimaginação e transtextualização constituem, assim, uma rede de neologismos que exprimem insatisfação com a ideia da tradução literal no ofício tradutório. Ele também apresenta estudos teóricos e práticos sobre a operação tradutora em vários idiomas. Esses estudos tem como denominador comum o exame comparativo de traduções. (CAMPOS, 2013).

Outro aspecto apontado por Haroldo de Campos, juntamente com os poetas e tradutores brasileiros Augusto de Campos<sup>5</sup> e Décio Pignatari<sup>6</sup> em um apêndice do livro “Cantares” (1934) de *Ezra Pound*<sup>7</sup>, traduzido em equipe, foi a questão de a tradução estar ligada à construção de uma tradição contida na historiografia literária. Deve-se enfatizar, nesse caso, que o processo tradicional de prática artística, ao se conectar a um conhecimento passado, também traz a ele uma nova luz e um novo significado. A partir destes conceitos estabelecidos, Campos cria a equação paronomástica tradução/tradição, resolvida por ele mesmo como traduzir sendo igual a trovar (traduzir=trovar). Assim, trovar significa achar, inventar e traduzir significa reinventar, ou seja, ambas as funções são aspectos da mesma realidade. Subentende-se daí uma operação de morfologia cultural, aliada ao *Paideuma*<sup>8</sup> que Ezra Pound havia extraído da antropologia de Leo Frobenius<sup>9</sup>. *Paideuma*, segundo Pound é “a ordenação do conhecimento para que o

<sup>4</sup> Haroldo de Campos (1929-2003) – foi um poeta, tradutor, ensaísta e crítico literário paulista. Disponível em: <https://www.casadasrosas.org.br/centro-de-referencia-haroldo-de-campos/haroldo-de-campos>. Acesso em 30 de abril de 2022

<sup>5</sup> Augusto de Campos (1931) – nascido em São Paulo, poeta, tradutor, crítico de literatura e música. Disponível em: <http://www.augustodecampos.com.br/biografia.htm>. Acesso em 30 de abril de 2022.

<sup>6</sup> Décio Pignatari (1927-2012) – foi um poeta, ensaísta, tradutor, cronista, romancista e dramaturgo paulista. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa452/decio-pignatari>. Acesso em 30 de abril de 2022.

<sup>7</sup> Ezra Weston Loomis Pound (1885-1972) – foi um poeta músico e crítico literário americano que, junto com *T. S. Eliot*, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia estadunidense do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas do Imagismo e do Vorticismo. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ezra-Pound>. Acesso em 21 de abril de 2022.

<sup>8</sup> *Paideuma* – segundo Leo Frobenius, habilidade que cada povo tem de construir o significado através da junção de diferentes artefatos e manifestações culturais. Disponível em: <http://mariovincius.com/pt/paideuma-reflection-on-practice/>. Acesso em 12 de junho de 2022.

<sup>9</sup> Leo Frobenius (1873-1938) – foi um etnólogo alemão. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Leo-Frobenius>. Acesso em 19 de junho de 2022.

próprio homem ou geração, possa o mais rapidamente possível, encontrar-lhe a parte viva e perder o mínimo de tempo com itens obsoletos.”. (POUND, *apud* CAMPOS, 2013 p.78).

Haroldo de Campos propõe, por reversão dialética, a possibilidade da recriação (re-criação) de textos poéticos, indo de encontro ao dogma da intraduzibilidade da poesia. De acordo com o autor:

Para fazer face ao argumento da “outridade” da “informação estética” quando reproposta numa nova língua, introduzi o conceito de isomorfismo: original e tradução enquanto “informação estética”, estarão ligados entre si por uma relação de isomorfia: “serão diferentes enquanto linguagem, mas, como corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema”. (CAMPOS, 2013 p.85)

Ao salientarmos a natureza diferencial da operação tradutora, a estratégia do traduzir impõe um novo *modus operandi*, chamado de “transcrição” por Haroldo de Campos e de transposição criativa pelo pensador russo, Roman Jakobson<sup>10</sup> (203).

O significado das palavras ou frases, é decididamente um fato linguístico, para sermos mais precisos e menos restritos, um fato semiótico, do signo da comunicação. A tradução, que envolve duas mensagens equivalentes, tem como função comunicar dois códigos diferentes. Para Jakobson (2003), ao traduzir de uma língua para outra, o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Como todas as línguas podem expressar inúmeras coisas, elas diferem naquilo que devem expressar. Dicionários bilíngues são bons exemplos disso pois definem cuidadosamente todas as palavras correspondentes, em sua extensão e profundidade.

Segundo Jakobson (2003) a função poética, dentre as funções da linguagem, tem como característica o enfoque da mensagem nela própria. Esta noção jakobsoniana é fundamental para a compreensão da atividade tradutora em poesia como transposição

---

<sup>10</sup> Roman Jakobson (1896-1982) – foi um pensador russo, considerado um dos mais importantes linguistas do século XX e um pioneiro da análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte. Disponível em: <https://maestrovirtuale.com/roman-jakobson-biografia-modelo-de-comunicacao-e-contribuicoes/> Acesso em 21 de junho de 2022.

criativa, assim como também faz ressonância com as escolhas que levaram Campos ao seu conceito de transcriação na década de 1960.

A respeito da atividade tradutora, vale destacar a reflexão do ensaísta Walter Benjamin<sup>11</sup>:

Uma tradução que pretenda se identificar com o original aproxima-se afinal da versão interlinear e facilita altamente a compreensão do original; por meio dela somos levados, aliás, impelidos ao texto-base e assim por fim se fecha todo o círculo, no qual se move a aproximação entre o estrangeiro e o nativo, o conhecido e o desconhecido (BENJAMIN *apud* LAGES, 2007, p.246)

Com esse pensamento Benjamin restitui a tradução da poesia à sua verdadeira tarefa: atestar a afinidade entre as línguas, dar liberdade para o tradutor, eximindo-o da preocupação com o conteúdo de origem, ultrapassando as fronteiras da literalidade até o nível do resgate através da transpoetização (*Umdichtung*), termo criado por ele.

Encontrar essa liberdade ao traduzir ao mesmo tempo em que se mantém certa fidelidade ao texto original, faz com que poucos tradutores sejam reconhecidos como autores de boas traduções. Qual seria a verdadeira intenção de uma tradução? Comunicar algo para os leitores que não compreendem a matriz original? Mas se o conteúdo de uma obra literária vai além do que é comunicado, não teriam as traduções uma relação de proximidade com o texto original indo além do significado primordial? Ao mesmo tempo que estas relações textuais são próximas, elas se afastam da origem. São como tons de um discurso musical que podem ser relativos, vizinhos ou até mesmo afastados, mas sempre mantém uma relação com o tom original.

Nesse sentido, no exercício da tradução como forma de transpoetização, percebemos que ao transmitir o conteúdo de um texto, expressando a intimidade das línguas entre si, deixando-se abalar fortemente pela língua estrangeira a ponto de recriá-la, tornando o propósito original em mutável e transformando a matriz primária, sendo fiel a ela, mas com liberdade, o tradutor torna-se também poeta.

---

<sup>11</sup> Walter Benjamin (1892-1940) – foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Disponível em: <http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>. Acesso em 13 de maio de 2022.

Quanto mais altamente elaborada tenha sido uma obra, igualmente ela permanecerá traduzível, ainda que no mais fugidivo contato com o seu sentido (LAGES, 2002). Será expressiva ao ser reelaborada (JAKOBSON, 2003), e mais sedutora enquanto possibilidade aberta de recriação (CAMPOS, 2013).

Ao lermos um texto, um romance ou uma poesia, nossa mente logo tenta decodificar o que está escrito e passamos do processo do entendimento lógico a interpretação do que foi lido em questão de segundos. Quando estamos sonhando, a experiência é diferente. Se um sonho nos vem à mente, ao acordarmos, muitas das vezes procuramos escrevê-lo para que aquele momento, seja ele bom ou ruim, não se perca no tempo.

Michel Foucault<sup>12</sup> relata:

Um pesadelo me persegue desde a infância: tenho diante dos olhos, um texto que não posso ler, ou do qual apenas consigo decifrar uma ínfima parte. Eu finjo que o leio, sei que invento: de repente, o texto se embaralha totalmente e não posso ler mais nada, nem mesmo inventar, minha garganta se fecha e desperto. Não ignoro tudo o que pode haver de pessoal nessa obsessão pela linguagem que existe em todos os lugares e nos escapa em sua própria sobrevivência. Ela persiste desviando de nós seus olhares, o rosto inclinado na direção de uma escuridão da qual nada sabemos. (FOUCAULT *apud*, AQUINO e Ó 2014, p. 200)

Desbravar a mente ao esmiuçar os pensamentos, é uma forma de fugir de uma angústia que nos persegue e atormenta, mesmo em dias de calmaria, é uma tentativa de traduzir o que existe dentro de nós. Ao utilizarmos a fala, como uma necessidade individual de expressão, traduzimos a nossa realidade através da linguagem. “Para o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), a linguagem não se separa da vida, ela é a soberana, como diria Foucault”. (PETRONÍLIO, 2012 p. 50).

A literatura e a poesia, testemunhas da realidade, ativam o pensamento humano e esse, por sua vez afirma a vida. Ao analisarmos nossa própria existência entramos em

---

<sup>12</sup> Michel Foucault (1926-1984) – foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre *Collège de France*, de 1970 até 1984. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/foucault/>. Acesso em 26 de abril de 2022.

contato com a verdade, a nossa verdade, que muitas das vezes, surge através da interpretação dos signos. Observar atentamente os sinais que a vida nos dá e refletir sobre eles não seria, trocando em miúdos, traduzi-los? Musicalmente, busco em meu trabalho como cantor trazer a minha verdade sobre as obras que estou interpretando. Dou a minha interpretação da música e/ou dos poemas.

Continuando a explanação sobre aspectos linguísticos, Ana Kfour<sup>13</sup> comenta em seu livro “Forças de um Corpo Vazado” (2019) que no âmbito da comunicação, Deleuze afirma que se deve fazer a “linguagem gaguejar (...) levar a gagueira para dentro da fala” (DELEUZE *apud* KFOURI, pg.25). Nesse sentido o conceito de gaguejar não diz respeito a falar com dificuldade, mas é entendido como o processo de criação e reinvenção da língua, tem a mesma conotação da transcrição, da transposição criativa e da transpoetização. Kfour<sup>13</sup> comenta ainda que acerca da potência do bilinguismo, no sentido de se poder ser “um estrangeiro em sua própria língua”, o filósofo francês diz:

Não é falar “como” um irlandês ou como um romeno falam francês. Não é o caso nem de Beckett<sup>14</sup> nem de Luca<sup>15</sup>. É impor à língua, mesmo sabendo falar essa língua perfeita e sobriamente, a linha de variação que faria de você um estrangeiro na sua própria língua, ou que faria da língua estrangeira a sua, ou da sua língua um bilinguismo por sua estranheza (DELEUZE *apud* KFOURI. 2019, p.25).

Chegamos aqui a um ponto muito interessante para este trabalho reflexivo sobre o tema traduções e versões. O poeta musicado por Robert Schumann no *Dichterliebe*, o alemão Heinrich Heine, ao se exilar na França, passa a usar uma outra língua para escrever seus poemas se tornando um poeta bilíngue. Considerado pelo historiador Adolphe Thiers (1797-1877) como, mesmo sendo um estrangeiro, o homem que melhor

<sup>13</sup> Ana Kfour<sup>13</sup> é diretora teatral, atriz e pesquisadora. Doutora em artes visuais pela UFRJ e professora do curso de Artes Cênicas da PUC-RJ. (KFOURI, 2019)

<sup>14</sup> Samuel Beckett (1906-1989) – foi um dramaturgo e escritor irlandês. Beckett é amplamente considerado como um dos escritores mais influentes do século XX e considerado um dos últimos modernistas. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=3135>. Acesso em 25 de junho de 2022.

<sup>15</sup> Ion Luca Caragiale (1852-1912) – foi um escritor, dramaturgo e contista romeno. Tornou-se um dos líderes do movimento literário mais importantes do seu tempo, *Junimae*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ion-Luca-Caragiale>. Acesso em 25 de junho de 2022.

escrevia em francês na época, Heine foi um grande mediador entre as culturas alemã e francesa no período que viveu exilado em Paris (1831-1856). Sua poesia, foi amplamente traduzida pelo escritor Gérard de Nerval (1808-1855) que adotara uma prática muito comum na época, traduzir versos em prosa. Ele, porém, se questionava se esta forma de traduzir preservaria a maneira de escrever do poeta alemão. Essa dúvida, parece ter sido resolvida com sua afirmação: “se a Prússia é a pátria de seu corpo, a França é a pátria de seu espírito” (HEINE *apud* MIRANDA 2017, pg. 241)

Após o trágico suicídio de Nerval, encontrado morto por enforcamento em uma rua escura de Paris, Heine resolveu fazer algo que lhe parecia impossível até então: traduzir a ele mesmo. A tarefa não lhe pareceu ser das mais fáceis e a dificuldade encontrada foi assim expressa por ele:

É sempre um empreendimento ousado reproduzir em prosa, num idioma romântico, uma obra em versos escrita em língua alemã. O pensamento íntimo do original se evapora facilmente na tradução, e nada resta senão uma pálida luz lunar, como disse alguém que se divertia ridicularizando meus poemas traduzidos (HEINE *apud* MIRANDA 2017, p. 240).

Heine, um poeta alemão vivendo em Paris, bilíngue, fazendo do francês a sua própria língua, sentiu dificuldade em traduzir para esse idioma seus poemas. Nem mesmo o bilinguismo o auxiliou. As traduções de Nerval o agradavam, entretanto, na falta dele, parece não ter ficado satisfeito com as suas próprias traduções. Ora, então não é somente através da transposição criativa, como afirma Haroldo de Campos, ou reinventando a própria língua que esta tradução se torna possível?

Outro exemplo interessante que diz respeito a esta discussão e que traz novas informações sobre o ofício tradutório, é a tradução brasileira do poema de Heine “As Ondinas”, *Die Nixen* em alemão, feita por Machado de Assis<sup>16</sup>, que usou a tradução

<sup>16</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor carioca, considerado por muitos críticos, estudiosos, escritores e leitores um dos maiores, senão o maior nome da literatura do Brasil. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, tradutor, jornalista e crítico literário. Testemunhou a abolição da escravidão e a mudança política no país quando a República substituiu o Império, além das mais diversas reviravoltas pelo mundo em finais do século XIX e início do XX, tendo sido grande comentador e relator dos eventos

francesa feita pelo próprio autor, *Les Ondines*, como base para sua versão poética. Raimundo Magalhães Junior (1907-1981), biógrafo e historiador brasileiro, ao analisar a prática tradutória no Brasil, nos informa que, no século XIX, as traduções eram, em sua maioria, na língua francesa. Durante a minha pesquisa ao manusear, na biblioteca da Academia Brasileira de Letras, a tradução do *Intermezzo Lírico* de Heinrich Heine feita para a revista *A Semana* (editada no final da década de 1890), constatei exatamente o que Magalhães Junior havia relatado: a tradução era feita a partir da versão em francês de Gerard de Nerval.

Quando da literatura a música é aliada, cria-se um diálogo que nos leva a experimentar uma diversidade de emoções.

De acordo com o Paulo Petronílio<sup>17</sup>:

Os signos sensíveis do amor envolvem particularmente o tempo perdido. Os signos sensíveis nos fazem redescobrir os tempos perdidos no tempo, finalmente os signos da arte nos trazem um tempo redescoberto, tempo original que compreende todos os outros que não se desenvolvem, não se explicam pelas linhas do tempo (PETRONÍLIO 2012, p.53).

A união entre poesia e música, dois sistemas de signos sensíveis, dá origem a uma outra forma de expressão e comunicação, a arte do canto que, assim como outras manifestações artísticas, revela estados e sentimentos do ser humano. É através da sua sensibilidade que o artista ao se expressar, traduz a sua essência e nos faz reencontrar muitos caminhos percorridos e tantas vezes perdidos pelas linhas temporais da nossa história.

Conhecer a trajetória desses filósofos, pensadores, poetas e tradutores e o que os levou a discutir sobre os diversos aspectos da linguagem e da tradução, nos leva a refletir como uma mensagem pode cruzar a barreira linguística entre dois povos.

---

político-sociais de sua época. Disponível em:  
<https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em 13 de abril de 2022.

<sup>17</sup> Paulo Petronílio é professor de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB).

Nos relata José Célio Freire (1999), o pensamento de Proust<sup>18</sup>:

Assim às vezes ao lermos uma obra prima nova de um homem de gênio, é com prazer que encontramos nela todas aquelas nossas reflexões que tínhamos desprezado, alegrias, tristezas que havíamos reprimido, todo um mundo de sentimentos desdenhados para nós e cujo valor o livro onde o reconhecemos, nos assinala subitamente” (PROUST *apud* FREIRE JOSÉ, 1999 p.23).

A real intenção com a transcrição das traduções encontradas para esta pesquisa foi dar ao leitor a possibilidade de expandir o entendimento do ciclo de canções de Robert Schumann, assim como levá-lo a refletir sobre o impacto que uma obra de arte pode causar em nossas vidas. Ao observarmos um trabalho artístico, procurando decifrar seus mais diversos aspectos, somos invadidos por sentimentos que traduzem a maneira como fomos impressionados por ele. Da mesma forma este espectro de emoções nos possibilita, muitas vezes, decifrar enigmas em nossas vidas, ao olharmos para dentro de nós mesmos através da arte. “Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria visto em si mesmo” (PROUST, 2007, p. 184).

Não foi tarefa fácil encontrar traduções e versões para o português dos poemas de *Heine* escolhidos por *Schumann*. Encontramos uma boa tradução na internet no site do Colégio Santorum (<https://www.cantorum.com.br/>) feita por Hilma Hallier<sup>19</sup>, livre e fiel ao idioma original, mas que não considera a métrica, geralmente usada em tradução de poemas, como aspecto relevante; uma segunda tradução encontrada, que, mantendo certa fidelidade ao texto original, observou as regras métricas da poesia brasileira nos oferecendo material de caráter estético bastante interessante, foi encontrada no livro

---

<sup>18</sup> *Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922)* – foi um escritor, romancista, ensaísta e crítico literário francês, mais conhecido pela sua obra *À la recherche du temps perdu*, que foi publicada em sete partes entre 1913 e 1927. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/marcel\\_proust/](https://www.ebiografia.com/marcel_proust/). Acesso em 30 de maio de 2022.

<sup>19</sup> Helma Haller – musicista, pianista, educadora, regente, pesquisadora e compositora é diretora musical do Coro Feminino Collegium Cantorum na cidade de Curitiba. Disponível em: <https://cantorum.com.br/direcao>. Acesso em 21 de março de 2022.

*Intermezzo de Heine* (1953) de Edmée Brandi de Souza Mello<sup>20</sup>. Encontramos ainda na biblioteca da Academia Brasileira de Letras, em exemplares da revista *A Semana* publicada em 1894, versões dos poemas, traduções que se afastam do idioma original mantendo a ideia principal do autor, feitas por poetas românticos brasileiros do século XIX. Essas versões, verdadeiras poesias, são ótimos exemplos de transcrição, transposição criativa e trans poetização, foram escritas pelos poetas Lúcio de Mendonça<sup>21</sup>, Gonçalves Crespo<sup>22</sup>, Luiz Rosa, Valentim Magalhães<sup>23</sup>, Augusto de Lima<sup>24</sup>, Fontoura Xavier<sup>25</sup>, Luiz Delfino<sup>26</sup>, Pedro Rabello<sup>27</sup> e Alcides Flavio<sup>28</sup>.

Para exemplificar como uma mensagem escrita em uma língua pode chegar a outra de maneiras diferentes, vou expor, primeiramente, a tradução em português (língua de chegada) mais próxima do alemão (língua de saída) de um poema de Heinrich Heine, *Ich grolle nicht*, escolhido por Robert Schumann para compor seu *Dichterliebe*. Em seguida apresentarei ainda duas versões em português dos mesmos poemas. Através da leitura e comparação destes textos, espero oferecer ao leitor a possibilidade de conhecer melhor, na prática, o trabalho do ofício tradutório.

<sup>20</sup> Edmée Brandi de Souza Mello (? -2013) – pioneira nos estudos da voz no Brasil a Prof. Dra Edmée Brandi de Souza Mello, foi cantora lírica, fonoaudióloga e diretora do Departamento de Voz da Sociedade Brasileira de Ortofonologia na década de 1970. Disponível em: <https://sistema.bibliotecas.fgv.br/>. Acesso em 24 de maio de 2022.

<sup>21</sup> Lúcio de Mendonça – Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lucio-de-mendonca>. Acesso em 30 de março de 2021.

<sup>22</sup> Gonçalves Crespo – Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/263-goncalves-crespo>. Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>23</sup> Valentim Magalhães – Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/valentim-magalhaes/biografia>. Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>24</sup> Augusto de Lima – Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/augusto-de-lima/biografia>. Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>25</sup> Fontoura Xavier – Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4364/fontoura-xavier>. Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>26</sup> Luiz Delfino – Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/luis-delfino>. Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>27</sup> Pedro Rabello – Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/pedro-rabelo>. Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>28</sup> Alcides Flavio – Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/biblioteca/item/24509-velaturas-paginas-de-um-velho-alcides-flavio.html>. Acesso em 30 de março de 2021.

Passo agora a transcrever as referidas traduções, ressaltando que o poema escolhido como exemplo, transcrito abaixo no idioma original, alemão, é um dos mais conhecidos do cancionero shumaniano.

### ICH GROLLE NICHT<sup>29</sup>

Ich grolle nicht  
Und wenn das Herz auch bricht,  
Ewig verlorness Lieb.  
Ich grolle nicht.  
Wie du auch strahlst in Diamantenpracht,  
es fält kein Strahl in deines Herzens Nacht,  
das weiss ich längst.  
Ich grolle nicht,  
und wenn das Herz auch bricht.  
ich sah dich ja im Traume,  
und sah die Nacht in deines Herzens Raume,  
und sah die Schlang, die dir am Herzen frisst,  
ich sah, mein Lieb, wie sehr du elend bist.  
Ich grolle nicht,  
Ich grolle nicht.

1.<sup>30</sup>

2.<sup>31</sup>

3.<sup>32</sup>

Não guardo rancor	Puzeram-te no rosto	Não vou chiar
Se o coração aos pedaços	O aéreo véo nupicial	Se o coração despedaçar
Eterno perdido de amor	Bem sei que te perdi	Perdido de amor
Não guardo rancor	Mas não te quero mal	Não vou chiar
Brilhando no esplendor dos diamantes	Brilha do teu olhar as pedras luminosas	Ainda que andes a brilhar em diamantes
Não entra raio nenhum na noite do teu coração	Mas no teu coração, que noites luctuosas!	Nada ilumina as tuas noites torturantes
Há muito tempo o sei	Em sonhos eu desci	Tudo isso eu já sabia
Te vi no sonho	Ó mísera mulher	Vi na escuridão de um sonho
E percebi a noite nos espaços do teu coração	A's sombras da tua alma, e vi-te o padecer	Os labirintos do teu coração

<sup>29</sup> Disponível em: <https://youtu.be/5iGR9IRUShU>. Acesso em 23 de maio de 2022.

<sup>30</sup> Tradução de Helma Haller.

<sup>31</sup> Versão de Gonçalves Crespo.

<sup>32</sup> Versão André Vallias.

E vi a serpente o teu coração devorar	Bem sei que te perdi	Eu vi a víbora cruel que te devora
Reconheci, meu amor, quão miserável você é	Ó minha doce amada	E vi querida, como estás tão triste agora
Não guardo rancor	Mas não te quero mal,	Não vou chiar
Não guardo rancor	Ès muito desgraçada	Não vou chiar

### MÚSICA E POESIA: transposições e deslocamentos

Meu objetivo ao investigar a conexão entre as traduções/versões em português dos poemas de Heine que selecionei para o produto artístico audiovisual **18 Quadros Poéticos Musicais** e a música de Robert Schumann foi aprofundar ainda mais meu estudo do ciclo vocal *Dichterliebe*, além de buscar reflexões a respeito das possíveis influências dessas traduções/versões no entendimento dessa obra. Essa seleção foi feita a partir de três diferentes traduções/versões dos poemas encontradas por mim na biblioteca da Academia Brasileira de Letras.

Segundo o pianista e compositor austríaco Edward Steuermann:

Uma análise primária já está contida na música que sentimos instintivamente, música que nós compreendemos. A compreensão não é necessariamente ampliada através de análises. Entretanto, assumindo que não exista uma total incompreensão de uma obra, podemos analisá-la a fim de compreendê-la melhor, para sair de uma condição mental caótica para uma sucessão positiva e orgânica de acontecimentos para concordar com eles. (STEUERMANN apud TOMIMURA, 2011, p. 36).

Vale destacar que toda análise tem por objetivo elucidar novos aspectos em uma obra de arte, dignificando ainda mais o valor intrínseco da mesma.

Por meio do estudo investigativo entre partitura musical e as traduções/versões das poesias por mim escolhidas, compreendi que poderia narrar essa história de amor pela minha ótica. A inspiração para esse trabalho veio tanto da busca por novas fontes de informação na área musical e linguística, análises detalhadas da música de Schumann e da poesia de Heine, como também da minha experiência artística.

Ao abordar o tema traduções e versões e todas as possibilidades encontradas em seus aspectos linguísticos, podemos dizer que essas obliquidades fazem ponte para as transposições e deslocamentos presentes no vídeo **18 Quadros Poéticos Musicais** onde a potência do encontro entre música e poesia se dá exatamente no ponto de intercessão e na junção dos textos encenados em português com as melodias do ciclo de Schumann.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao trabalhar sobre os ricos territórios das mediações entre música e poesia para atingir o objetivo de filmar *18 Quadros Poéticos Musicais*, foi necessário passar por várias etapas dentro de um processo investigativo, reflexivo e criativo.

Pilares da concepção desse trabalho de pesquisa, o estudo das biografias de Robert Schumann e Heinrich Heine me levaram a construir, de maneira estruturada, o conceito do meu produto artístico. Foi através do conhecimento detalhado de suas histórias que nossos pensamentos começaram a se organizar para desenvolver, passo a passo, nossa ideia primordial: a criação de uma narrativa em português sobre o *Dichterliebe*.

Mergulhar no tema abordado neste artigo, traduções e versões, foi imprescindível para a construção desse trabalho pois, desta forma, foi possível compreender os caminhos que levam a uma boa tradução e, desta maneira, fazer nossas escolhas das versões dos poemas.

A análise musical e textual realizada antes da gravação do produto artístico, além de proporcionar amplo conhecimento da obra, estimulou minha criatividade, permitindo que eu chegasse com êxito ao resultado final do meu trabalho.

Os estudos musicais e cênicos preparativos para a elaboração, a construção e a filmagem dos *18 Quadros Poéticos Musicais*, aspectos que considero terem sido indispensáveis para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da minha performance.

Os estágios citados acima foram fundamentais para o desenvolvimento da minha criação; entretanto, por meio de um processo reflexivo a respeito da música de Schumann e a poesia de Heine, percebi que, para alcançar o resultado desejado na composição dos *18 Quadros Musicais*, deveria trilhar caminhos distintos, porém paralelos, que se encontrariam em um momento posterior. O primeiro se deu ao me deparar com a partitura musical e, através do seu estudo aprofundado, buscar compreender melhor o universo do compositor e de sua obra; em seguida, a partir das traduções encontradas para as poesias de Heine, procurei investigar as que apresentavam maiores possibilidades de serem interpretadas dramaturgicamente, abrindo espaço, na música de concerto, para uma melhor compreensão da escuta poética. Ao se encontrarem, os dois caminhos até então paralelos, se entrecruzam para formarem o produto artístico final.

Dois grandes desafios foram enfrentados durante esses processos correlatos: o primeiro foi tentar encontrar uma maneira de trazer às minhas interpretações dos poemas de Heine um tom próximo à linguagem coloquial. Minha experiência profissional como cantor lírico, assim como meus desempenhos como ator de teatro me auxiliaram a imprimir uma naturalidade ao declamar essas poesias. Ao incorporar cenicamente o poeta do *Dichterliebe*, por mais que estivesse usando uma linguagem poética formal, foi através da atuação que encontrei a informalidade que procurava para torná-la espontânea; o segundo foi abordar o ciclo de canções de maneira tal que, mesmo cantando em língua estrangeira, pudesse tornar a obra cognitiva e esteticamente melhor apreciável. Para isso, procurei uma emissão de voz clara buscando uma boa dicção do alemão, além de uma interpretação expressiva das canções. Unindo essas duas etapas, ao materializar a música de Schumann e a poesia de Heine em filme, cheguei a um processo de transcrição do qual emerge minha interpretação do *Amor do Poeta*. Esse procedimento teve como objetivo tornar o ciclo em questão compreensível a todos os falantes e estudiosos da língua portuguesa, sem a necessidade do tradicional uso de legendas e com uma linguagem acessível ao público leigo, no intuito de ampliar o acesso ao conhecimento mais aprofundado da obra em nosso idioma.

Desejo que minha contribuição na área de pesquisa artística possa estimular outras investigações criativas, além de incentivar alunos, intérpretes e ouvintes a desvendar novos horizontes, não somente na obra abordada nesse trabalho, mas também em todo o repertório musical de uma maneira geral.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Geir. **Poesia Alemã**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora MEC, 1960.
- CAMPOS, Haroldo. **Transcrição**. 1º ed. São Paulo: Editora perspectiva S. A. 2013.
- FREIRE, José Célio. Uma leitura através da recherche de PROUST. **Revista de Letras**. V.1/2, n.12, p. 17-25, 1999.
- GALINDO, Caetano. A tradução em traduções de um poema de Heine. **Tradução em Revista**, n.10, p1-19, 2011/1.
- HEINE, Heinrich. **História da Religião e da Filosofia na Alemanha e outros escritos**. 1ª ed. São Paulo: Madras Editora, 2010.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 19º ed. São Paulo: Editora PENSAMENTO-CULTRIX LTDA, 2003.
- KFOURI, Ana. **Forças de um corpo vazado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2019.
- LAGES, Susana Kampf. **A tarefa do Tradutor de Walter Benjamin**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- LAGES, Susana Kampff. Walter Benjamin, tradutor de Baudelaire. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 239-249, Dec. 2007.
- MELLO, Edmée Brandi de Souza. **Intermezzo de Heine**. 1ª ed. Rio de Janeiro. 1953.

MIRANDA, José Américo. Machado de Assis e as traduções que publicou em Crisálidas. **Revista Texto Poético** v.13, n.22, p. 208-234, jan/jun 2017. MORAES, Vinícius. **Nova Antologia Poética**. 9º ed. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2008.

PETRONÍLIO, Paulo. Literatura, Vida e Linguagem em Giles Deleuze. **Revista Guará**, v.2, n.1, p 50-69 jan/jun 2012.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto** 15ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2007.

SCHUMANN, Robert. **LIEDER** – Vol. I. Frankfurt/M; Leipzig; London; New York; C.F. Peters. Partitura. 1841[?].

SEQUEIRA, Ricardo Nuno Martins. **A tradução da crítica musical do século XIX à luz da prática crítica de Robert Schumann**. Dissertação (Mestrado em Tradução). Faculdade de letras. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2014.

TOMIMURA, Fernando. **Robert Schumann e o Dichterliebe – Aproximação e Distanciamento na unidade poético-musical**. Dissertação (mestrado em Artes). Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, p. 136. 2011.

VALLIAS, André. **Heine, hein?** 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

**Como citar este texto:**

CLAUSSEN, Fabrizio. Transposições Singulares. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 211-230.